

■ DOSSIÊ - ENTREVISTA

Patrícia Trindade Nakagome/Divulgação



Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Trindade Nakagome

É graduada em Letras pela Universidade de São Paulo – USP (2006), com período sanduíche na Freie Universität Berlin, mestre em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela USP (2009) e doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela USP (2015), também com período sanduíche na Freie Universität Berlin. Professora adjunta de teoria da literatura da Universidade de Brasília.

“A literatura ofertou-me, ao longo dos anos, experiências distintas e igualmente importantes: do prazer de descobrir o final de um livro à possibilidade de compreender melhor a alteridade e o longínquo.”

1. Bruna Paiva de Lucena (BPL) – “Quem sabe a menina um dia sairia da roça e iria para a cidade. Então, carecia de aprender a ler. Na roça, não! Outro saber se fazia necessário. O importante na roça era conhecer as fases da lua, o tempo de plantio e de colheita, o tempo das águas e da secas. A garrafada para o mau da pele, do estômago, do intestino e para as excelências das mulheres. Saber a benzedura para o cobreiro, para o osso quebrado ou rendido, para o vento virado das crianças. O saber que se precisa na roça difere em tudo do da cidade. Era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra”. (Conceição Evaristo. *Ponciá Vicêncio*, 2003, p. 28). Nesse trecho, a personagem de Conceição Evaristo fala da (des)importância da leitura em sua vida. Como você se tornou uma leitora? Qual seu percurso como leitora? Se possível, cite obras e autoras/es que marcaram sua trajetória como leitora.

Patrícia Trindade Nakagome – A leitura não era um hábito comum em minha família. Havia livros de minha mãe em casa, marcando seu tempo de jovem leitora. Mas a mulher que eu conheci, aquela que não era mais tão jovem, já não lia com frequência. Talvez seja possível pensar que a família e o trabalho ocuparam todo o tempo que antes ela podia dedicar aos livros. Minha mãe leu quando jovem e voltou a ler bastante agora, já aposentada. Assim, não posso dizer que tenha me formado leitora pelo que via em casa. Havia livros lá, mas já não havia tempo para a leitura. Por isso, eu me considero uma leitora formada na escola. Nela, destaco dois momentos fundamentais para meu contato com a leitura. Na quarta série (hoje terceiro ano), tive uma professora fantástica, a Bete, que criou uma biblioteca circulante na turma. Li livros ótimos de autores clássicos da literatura infantil. Lembro-me de gostar muito de Ruth Rocha e Ana Maria Machado. A partir dessa experiência, passei a ter mais interesse pela leitura, por tudo que caía nas minhas mãos. Anos depois, já no Ensino Médio, tive outro professor incrível, o Francisco, que fez com que me interessasse

por livros considerados mais difíceis. Ler se tornou uma espécie de desafio. Eu queria conhecer novas formas de contar histórias e também histórias que fossem completamente novas. Junto com autores consagrados do cânone nacional, especialmente Machado de Assis e Graciliano Ramos, surgiu Albert Camus, que me marcou profundamente. O curioso é que, em paralelo a esse interesse por uma literatura mais “séria”, foi nessa época que descobri a série Harry Potter. Foi a experiência mais socializável de literatura que vivenciei, pois os livros eram trocados e comentados pelos colegas de sala de aula. Uma nova biblioteca circulante tinha surgido de forma espontânea.

2. BPL – Anunciando a potencialidade da leitura na vida, Mário Quintana diz que “Os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”. Considerando isso, como a literatura influenciou na sua forma de ver o mundo, sua trajetória, formação e/ou atuação profissional? Se possível, cite o que você aprendeu, ou desaprendeu, com os livros que leu.

Patrícia - Antes de responder, gostaria de fazer uma pequena ponderação a respeito dessa afirmação atribuída ao Mário Quintana. Devemos ter cuidado em pensar que há uma relação indispensável, direta e positiva entre livros e pessoas. Digo isso por ter receio de considerarmos que uma mudança no mundo está, necessariamente, atrelada à cultura letrada, a pessoas que leram livros. Pode estar, mas poder não estar também. Faço essa observação apesar de, no meu caso, a literatura ter ocupado um espaço fundamental. A literatura ofertou-me, ao longo dos anos, experiências distintas e igualmente importantes: do prazer de descobrir o final de um livro à possibilidade de compreender melhor a alteridade e o longínquo. Hoje, fico particularmente interessada pela capacidade que muitas obras literárias têm de colocar em questão o próprio limite, de discutir seu lugar no mundo. Valho-me de todas as experiências com o texto literário para questionar e ampliar o meu papel como professora de literatura.

3. BPL – Ler implica, muitas vezes, traçar similitudes e diferenças entre o lido, o observado e o vivido pelo/a leitor/a, sendo a experiência pessoal e afetiva com o texto um dos elementos levados em conta por escritores/as e formadores/as de leitores/as, seja na escrita ou escolha de um texto. Levando em conta isso, como você acha que a escola e o/a professor/a podem contribuir para a formação efetiva do/a estudante leitor/a?

Patrícia - A experiência de leitura literária é um ato singular, um encontro único entre o leitor e a obra. Apesar de entendermos que a literatura apenas se materializa com a leitura, nem sempre

conseguimos dar o protagonismo adequado ao leitor em sala de aula. Parece-me fundamental que o/a professor/a considere o perfil dos/as alunos/as no momento de planejar atividades de leitura, respeitando e instigando a opinião deles/as sobre os livros. Deve-se também considerar o perfil do/a professor/a, seus interesses e suas opiniões, muitas vezes também ausentes das aulas. Isso não significa, claro, que deve ser incentivado apenas aquilo que está próximo do repertório dos/as estudantes, reforçando o gosto dominante. Não se trata disso. Trata-se de criar condições para que obras valorizadas pelos/as jovens sejam discutidas, de abrir espaço para que eles/elas fundamentem suas avaliações sobre títulos que apreciam e sobre aqueles que apenas se tornam conhecidos no meio escolar. Mais do que tudo, o fundamental é que as obras sejam lidas nas escolas! Não é perda de tempo passar algumas aulas “simplesmente” lendo livros ou instigar a continuação de uma leitura iniciada em sala de aula. Afinal, pensar a formação de leitores é, na realidade, pensar nesses sujeitos fora dos muros escolares.

“A experiência de leitura literária é um ato singular, um encontro único entre o leitor e a obra. Apesar de entendermos que a literatura apenas se materializa com a leitura, nem sempre conseguimos dar o protagonismo adequado ao leitor em sala de aula.”

4. BPL – A literatura fantástica tem apresentado um novo cenário na formação de meninas e meninos leitoras/es na contemporaneidade. Como você percebe o surgimento e o desenvolvimento dessa geração de leitores/as? E qual o papel dos “clássicos” na formação dessas/es leitoras/es?

Patrícia - Em minha tese de doutorado, pude comprovar que muitos leitores foram, de fato, formados pela literatura de fantasia, representada, no caso específico de minha pesquisa, pela série Harry Potter. Boa parte da crítica literária tradicional olhava com desconfiança para

a obra de J. K. Rowling: temia-se o efeito nefasto desse fenômeno editorial sem precedentes sobre os jovens. Contrariando algumas previsões pessimistas, muitos leitores se formaram a partir dessa e de outras obras que escapam ao espaço escolar. Dois dos sujeitos entrevistados em minha pesquisa se tornaram também pesquisadores de literatura: um deles desenvolve hoje um doutorado sobre um escritor brasileiro do século XIX e a outra faz seu mestrado sobre a própria série de Rowling. Isso mostra que, como ocorre quando efetivamente se forma um leitor, o resultado é inesperado! A trajetória de sujeitos autônomos não pode ser prevista a partir da avaliação simplista de qualquer obra literária. Essas considerações que faço sobre a literatura de fantasia podem ser estendidas a quaisquer outros textos, incluindo os de literatura canônica. Sabemos, como professores e críticos, avaliar essas obras, mas sabemos muito pouco sobre o efeito delas sobre os sujeitos. Diante disso, penso que é fundamental colocarmos diferentes textos literários em sala de aula. Não é necessário retirar a hierarquia que há entre eles, mas explicar como ela se consolida, abrindo a discussão para as diferentes vozes e valores que compõem o campo literário. ■